

Trecho do capítulo "Na roda dos irmãozinhos", de *O Santo Sujo* ó *A vida de Jayme Ovalle*, de Humberto Werneck. Cosac Naify, 2008

[...]

Sem prejuízo das demais, ele adorava a pele preta, numa fissura para a qual Bandeira, na crônica "Ovalle", encontrou explicação:

O seu amor das negras era, afinal, amor da raça negra. Um dia uma negrinha da Lapa repeliu-o, repreensiva:

ó O senhor, um homem branco!

E Ovalle:

ó Eu sei que é uma infelicidade minha, mas não tenho culpa de ser branco!

Murilo Mendes não esquecerá:

Que marcha descobrias no andar de uma negra

Que samba em suas pupilas sincopadas!

Se era carnaval, então, Ovalle delirava mais ainda. Via nele, conta Murilo,

uma descida em nós mesmos,

Metamorfose do rito ancestral,

Explosão de instintos comprimidos,

Muito mais do que safadeza.

Mas não qualquer carnaval, ressalva Augusto Frederico Schmidt num artigo subsequente à morte de Ovalle:

O carnaval que não existe mais hoje, o carnaval de vinte e cinco, de trinta anos atrás, era o elemento próprio de Jayme Ovalle. Sentia-se integrado no mundo carnavalesco como um peixe nas águas fundas, como uma borboleta num jardim de flores. O carnaval não era uma oportunidade de brincar, de divertir-se, mas uma espécie de clima em que Ovalle se via livre para encontrar-se com os mistérios humildes. As mulheres mascaradas o entonteciam, davam-lhe um entusiasmo pela descoberta, que era qualquer coisa insopitável. Não raro, entre grupos de foliões, deparava com um anjo secretamente envolvido na folia, com um ser todo luz e pureza que seguia alígero um cordão que rumava para a praça Onze.

Ambigüidades não o detinham ó bem ao contrário, funcionavam como estímulo suplementar:

Nos bondes de Vila Isabel, ele vislumbrava, às vezes, seres de uma pureza única e, em certa ocasião, o mais belo dos anjos ó um arcanjo ó saltou no estribo do automóvel (um carro de praça de capota abaixada) em que ele fazia o curso carnavalesco. Esse arcanjo tomara as aparências de um jovem vendedor de jornais. Traiu-se por um sorriso de angélica doçura e desapareceu de súbito como surgira.

Ovalle não perdia um Baile dos Artistas, evento carnavalesco criado em 1918 para reunir gente do escopo, do pincel e da pena de maneira que os jornais se referiam a escultores, pintores e escritores. Numa das primeiras edições, em 1921, no Teatro Fênix, sua participação valeu quadrinha do poeta Olegário Mariano na revista *Careta*:

No Baile dos Artistas
foi a rata que mais feriu a vista
O Jayme Ovalle de João Batista
dançando com uma Salomé mulata

Outro poeta, Onestaldo de Pennafort, identificou a mulata por detrás do disfarce: um marmanjo de cor branca, Carlos Frederico da Silva, boêmio e antiquário que o musicólogo Ricardo Cravo Albin descreve como um grande gozador, figura proeminente do Rio nos anos 1920. Schmidt conta que o pandego adorava hostilizar o acadêmico Osório Duque-Estrada, temido crítico literário, em plena avenida Rio Branco: «Bofe!», bradava Carlos Frederico ao ver passar o nada fotogênico autor da letra do *Hino Nacional*.

Ovalle era frequentador, também, de um baile para homens que fazia parte da programação carnavalesca do mesmo Teatro Fênix. Manuel Bandeira lá esteve pelo menos uma vez: «Ali as senhoras pagam entrada porque não é possível distingui-las dos tipos que se fantasiam de mulher com uma perfeição em que não entra somente a habilidade e a arte, mas o temperamento também», escreveu ele numa crônica para o jornal recifense *A Província*, em março de 1929.

E os há de todas as cores, de todas as idades, de todas as classes, nacionais e estrangeiros. O círculo de mirões toma com eles liberdades cruéis que vão do carinho acanhado ao pontapé de troça. No meio disso sujeitos maduros, de capote, guarda-chuvas e óculos de tartaruga combinando com seriedade encontro acenando os dedos.

Pelas tantas, prossegue Bandeira,

passa um lindo rapaz que a assistência aclama de Miss Brasil. E João, que está comigo, confessa desesperado que há nos olhos da falsa mulher qualquer coisa que ele nunca encontrou nas mulheres de fato.

Manuel Bandeira não revela, mas não há equívoco possível: João é Jayme Ovalle, assim chamado também por outros companheiros. Murilo Mendes escreverá em «Saúde de Jayme Ovalle»:

Prepara-te para o xangô dos teus amigos,
Prepara-te, João do amor e da música.
[...] João, azulão,
Seremos todos um só,
Companheiros unidos para sempre

João ó apelido que se alternava com õMísticoõ, õProfetaõ e, em alusão a uma rua onde ele morou em Santa Teresa, õSanto da Ladeiraõ ó comparece em outras crônicas de Bandeira. Aquela, por exemplo, em que o poeta fala de certa Esmeralda, cujos encantos atordoaram Ovalle e muitos mais na noite boêmia dos anos 20, começo dos 30, e que parecia habitar o mesmo altar em que o compositor entronizara Judite Rodrigues dos Santos. õEsmeralda já virou a cabeça de uma porção de sujeitosõ, escreve Bandeira:

No entanto não é bonita, não é fina, não é boa (o leitor me entende!). Coisa misteriosa. [...] O fato é que Esmeralda depenava os seus adoradores um depois do outro, e como residia em casa de porão alto, os adoradores depositos passavam a morar no porão e confraternizavam, entre si e com o último empossado. Uma organização perfeita.

Um desses adoradores era Jayme Ovalle:

João era recebido por Esmeralda na esquina de uma travessa da rua dos Voluntários da Pátria. Esmeralda punha-lhe uma venda ó um lenço de seda preta perfumado de *Amour Amour*. Assim andava alguns minutos, depois subiam uma escada e, quando se lhe restituía a vista, João se achava num *boudoir* fabuloso, com jarrões da China e uma estante cheia de edições preciosas em Madagascar e *pur fil* Lafuma. Seguia-se o amor...

João õsabe descobrir a beleza nas mulheres mais feiasõ, escreve Bandeira e, a propósito de Esmeralda, transcreve um diálogo entre Ovalle e õum poeta que virou escultor e está fazendo a minha cabeçaõ ó Dante Milano, cujo nome não é citado.

ó Mas João, disse o escultor, não sei como você foi se apaixonar por uma mulher daquelas!

Com assombro de nós dois, João se desculpou:

ó Mas foi uma noite só!

Na crônica em que reproduziu esse diálogo, Bandeira já avançara algumas pistas: õJoão é aquele mesmo amigo a quem chamávamos o Santo da Ladeira, o Místico, o homem que só leu um livro na vida ó a Bíbliaõ, aquele que abraçava õpostes da Light em crises de ternuraõ, que morara em Londres e que se tornara õpoeta inglêsõ, e que, na verdade, õnão existeõ, assim como õEsmeralda não existeõ.

Ou por outra, existem, mas naquela supra-realidade de que falava Gérard de Nerval a propósito dos seus sonetos. Na realidade de todos os dias João não existe: quem existe é o exemplar funcionário da Alfândega.

[...]